



UNICAMP

EVENTO: BALÉ DO TEATRO CASTRO ALVES (BA)
 VEÍCULO: OESP
 DATA: 30/11/95
 PÁGINA: D-16
 SEÇÃO: CADERNO 2



DANÇA

A Bahia descobre o Brasil



Os passos do Balé Teatro Castro Alves, criado em 1981 por Antônio Carlos Cardoso, em Salvador: em busca da consolidação de seu espaço no mercado internacional e da conquista do público brasileiro

O Balé Teatro Castro Alves, um dos mais famosos grupos brasileiros no Exterior, parte para conquistar o público de outros Estados, apesar da falta de política pública e incentivos na área

EDMILSON SILVA

RIO — Um dos mais famosos grupos de dança brasileiros no Exterior, o Balé Teatro Castro Alves tem mais uma tarefa a cumprir a partir de agora, além do ensaio da mais nova coreografia *Orixás*, de Luiz Arrieta, com música especialmente criada por Egberto Gismonti. Seu diretor, o gaúcho Antônio Carlos Cardoso, está empenhado em um novo projeto, que tem objetivo específico: conseguir vencer o preconceito que impede que meninos na faixa dos 12 aos 15 anos possam se dedicar à dança.

Cardoso coordena um trabalho com os meninos e meninas de rua assistidos pelo Projeto Axé, de Salvador, para também contornar um outro problema: formar bons profissionais, produto que está em falta no Brasil, de acordo com ele.

PROJETO
ATUAL É
COM MENINOS
DE RUA

★
Caderno 2 — Qual é o segredo, além de muito trabalho, para o sucesso de uma companhia como a do Balé Teatro Castro Alves?

Antônio Carlos Cardoso — Além de muito trabalho, é preciso ter um casamento de trabalho, talento e apoio. Esse tripé é fundamental porque as pessoas podem ser muito talentosas, trabalhar muito, mas se não tiverem o apoio indispensável nada vai em frente. No nosso caso, contamos com o apoio do governo do Estado da Bahia. Também não adiantaria nada ter apoio se esse trabalho não fosse de qualidade. A conjunção desses fatores faz com que a companhia seja sempre citada como dona de uma maneira peculiar, especial de dançar.

Caderno 2 — Por que, geralmente, os críticos destacam o vigor e o lado exótico da companhia?

Cardoso — São características sempre citadas. A maneira diferente de dançar tem sido outra característica sempre lembrada, quando se fala do nosso balé. Isso se deve ao fato de a Bahia ser um Estado muito especial, próprio, muito definido. Culturalmente isso influencia muito. Todos os bailarinos da companhia têm o treinamento de balé clássico e também de dança moderna, mas existem coisas que estão no sangue.

Caderno 2 — A companhia é mais conhecida e famosa no Exterior do

que no Brasil. Vocês pretendem fazer algum trabalho para que se tornem mais conhecidos aqui?

Cardoso — Estamos tentando. Voltamos a nos apresentar no Rio depois de um tempo que nem lembro. Em Porto Alegre, então, é de se perder de vista. Por incrível que pareça, é um investimento muito caro para o governo da Bahia, porque o apoio e o que existe de subvenção dos empresários estrangeiros são infinitivamente maiores, não dá nem para comparar.

Caderno 2 — Então é mais fácil dançar lá fora?

Cardoso — Exato. Vamos agora, em fevereiro, para os Estados Unidos, aceitando convite da Universidade de Chicago. Lá é outro nível, outro padrão de realidade econômica. Para fazermos dois espetáculos em Chicago eles vão pagar as passagens de mais de 30 pessoas de toda a companhia, diárias em hotel, além dos cachês. Infelizmente, esse tipo de apoio não

existe no Brasil, assim como faz falta o intercâmbio entre as Secretarias de Cultura e os órgãos de governo envolvidos com a cultura. Não existe um projeto sistemático do Ministério da Cultura que permita, por exemplo, que o Balé Teatro Castro Alves viaje o Brasil todo e outras companhias façam o mesmo. Isso não significa que o ministério tenha de pagar todas as despesas, mas que o financiamento seja repartido entre as diversas instâncias de governo e parte do setor empresarial.

Caderno 2 — De que forma essa falta de apoio frustra?

Cardoso — Frustra sim. Não existindo intercâmbio, ninguém fica sabendo quem faz o que no Brasil. Salvador, por exemplo, não tem a mínima idéia do que se dança no Rio, com raras exceções, assim como Curitiba não sabe o que se dança em Porto Alegre e Belo Horizonte não conhece o que está sendo feito em Curitiba e por aí vai. A desinformação é muito ruim. Nenhuma companhia de dança, em nenhum lugar do mundo, por mais que invista na ampliação de seu repertório, pode fazer uma quantidade muito grande de espetáculos na própria cidade. A criação de uma coreografia ou uma remontagem é algo que passa por processos de, no mínimo, quatro semanas antes de o espetáculo ser levado em cena. O apoio é uma necessidade de mercado, porque uma companhia que não faz muitas turnês não ama-



O diretor Antônio Carlos Cardoso: "É preciso ter um casamento de muito trabalho, talento e apoio"

dureça, não se desenvolve.

Caderno 2 — Apesar de tudo, a dança brasileira vai bem em relação à estética?

Cardoso — Vai, vai sim. A dança brasileira conseguiu adquirir uma qualidade muito boa, tanto em relação à coreografia, à técnica e à arte de seus bailarinos. No caso da nossa companhia, há até uma citação da *Dance Magazine* (do *The New York Times*) em que a qualidade do Balé Teatro Castro Alves é lembrada. O Balé Stagium viaja muito para o Exterior, assim como o Cisne Negro. Tenho mais informações sobre os grupos de São Paulo, mas há muitas companhias que impressionam com seus espetáculos, caso de Deborah Colker. O Balé Teatro Castro Alves e o Grupo Corpo, de Belo Horizonte, por receberem apoio, acabam se destacando mais dentro do panorama global de qualidade de dança no Brasil. Agora, seria melhor se as companhias tivessem possibilidade de pagar um salário mais adequado a seus artistas e houvesse mais subvenção. Isso diminuiria, em muito, o êxodo enorme de bailarinos para o Exterior.

Caderno 2 — E esse êxodo é muito significativo?

Cardoso — É muito grande, muito grande mesmo. Há companhias de fora que chegam a ter de seis a dez brasileiros. É impressionante. Na Alemanha, recentemente, do Guaíra, do Paraná, ficaram uns dez, além de tantos outros isolados, não apenas

dançando nas companhias, mas trabalhando como coreógrafos, como professores.

Caderno 2 — Para onde aponta o futuro da dança?

Cardoso — São correntes tão distintas... Mas, evidentemente, elas vão caminhar para uma linha mais contemporânea. As companhias de balé clássico que mantiveram o repertório são mínimas e raras. No Brasil, hoje, talvez apenas o Teatro Municipal do Rio tenha uma companhia que mantenha um repertório. Existem variantes de tendências artísticas, indicadas por segmentos que a gente não percebe, um pouco como moda, porque elas mudam.

Caderno 2 — Que avaliação você faz da tendência atual de se imprimir velocidade e força à dança?

Cardoso — Ela existe em alguns coreógrafos contemporâneos. Particularmente não entro muito nessa linha, porque acho que é um modismo e, como tal, vai passar. Isso significa também que o bailarino hoje tem uma preparação técnica diferenciada. Outra tendência muito forte é a da sacerdotisa desse momento, Pina Bausch, uma dança mais interiorizada, mais aprofundada, mais do ser humano.

Caderno 2 — O uso de adereços tecnológicos, tais como exibição simultânea de slides, telões e outros recursos, é interessante?

Cardoso — É sim, desde que o espetáculo seja interessante. Caso con-

trário, não se justifica. Todas as linguagens valem, mas um bom espetáculo é sempre um bom espetáculo. Como em música, o que existe é o bem feito, não tem popular ou clássico, o isso e o aquilo, o cafona e o moderno. Devido à grande quantidade de informação, cada coreógrafo é um mundinho à parte.

Caderno 2 — No que diz respeito à qualidade da formação, como está a dança no Brasil?

Cardoso — Sempre com as honrosas exceções, sei que é péssima. Quando se faz audição para contratar bailarinos — e dessas audições participam concorrentes do Brasil inteiro — se vê que o que existe disponível são pessoas com talento para acabar de se formar dentro das companhias. Há poucos mestres de dança no País, no sentido de ser aquele que tenha a sabedoria de criar outro bom profissional.

Caderno 2 — O que fazer então?

Cardoso — Da nossa parte, fizemos um convênio com o Projeto Axé, de Salvador, para formação de meninos e meninas de rua. Assim também se cria uma situação rara, que é a de ter acesso a meninos em uma faixa dos 12, 15 anos, coisa que em uma família tradicional burguesa é uma raridade.

Caderno 2 — Ainda devido ao preconceito?

Cardoso — Claro. Se hoje em dia o preconceito sexual seria para dar risada, há um outro lado do preconceito que é real. Um bailarino, às vezes, não é aceito socialmente tão bem quanto as pessoas que têm outra profissão porque ganha muito mal e é muito pouco importante em sua comunidade.

Em busca da "cor local" por inércia

HELENA KATZ
Especial para o Estado

O trico desse trio tem quilômetros de histórias para contar. Antônio Carlos Cardoso, Luis Arrieta e Egberto Gismonti se enovela em coreografias há quase 20 anos. Afinal, foi Cardoso que lançou um jovem bailarino argentino como coreógrafo, nos idos de 1977. Esse então menino era Luis Arrieta e dançava na companhia que Cardoso dirigia em São Paulo desde 1974: o Corpo de Baile Municipal (atual Balé da Cidade de São Paulo). Sua primeira obra se chamava *Camila*, homenageava sua avó e tinha música de Mahler.

Foi no Corpo de Baile Municipal que Arrieta se consolidou como coreógrafo. *Sanctus*, por exemplo, obra hoje transformada num cartão de apresentação do Balé Teatro Castro Alves, nasceu em São Paulo, em 1980. A companhia baiana, aliás, foi criada em 1981 por Antônio Carlos Cardoso, depois de sair da direção do Balé da Cidade de São Paulo.

Sonhos — Com Gismonti, a parceria tem passado. No Corpo de Baile Municipal, foram criados alguns balés com música de Egberto Gismonti. Em 1976, por exemplo, Victor Navarro estreou um de seus sucessos, *Corações Futuristas*, e, quatro anos depois, o próprio Cardoso encenou *Sol do Meio-Dia*.

Como diretor do Castro Alves, Cardoso convidou Victor Navarro, em 1982. Resultado: outro Gismonti, o *Sonhos de Castro Alves*, mesmo ano em que Carlos Moraes, maître dos bailarinos baianos, também estreou o seu Gismonti, *Sauré*. Em 1983, Cardoso, em dupla com Arianne Asscherick, volta a Gismonti com *Sanfona*. Em 1988, Armando Pequeno, bailarino da companhia, cria *O João de Bilzios*. De quem era a música? De Gismonti, claro.

Em dezembro, o Castro Alves estreia novo espetáculo: *Orixás*, com roteiro de Cardoso, coreografia de Arrieta e música de Gismonti. Antes de emitir qualquer julgamento, pense no seguinte: o Castro Alves é uma companhia baiana que busca consolidar seu espaço no mercado internacional. Até mesmo por inércia, iria tentar buscar uma certa "cor local".